

Nossa tarefa é construção do socialismo

N. 5/11 (1/2) p. 6
76

«A tarefa do Congresso será esta: mais uma vez aceitarmos uma nova batalha. Acabou a primeira etapa, que era a tarefa da FRELIMO conduzir o povo à independência. Mas agora, na segunda etapa, a nossa tarefa é a construção do socialismo. Esta é a palavra exacta. É isto que o Congresso exige. Construção do socialismo em Moçambique» — afirmou o Presidente da FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, no decorrer da sessão de encerramento do Seminário Nacional de Preparação do III Congresso da FRELIMO, realizada na tarde do passado dia 1 de Novembro na Escola do Partido.

Nesta sessão, a que estiveram também presentes Jorge Rebelo, membro dos Comités Central e Executivo da FRELIMO e ministro da Informação, e Daniel Mbanze, do Comité Executivo e vice-ministro do Interior, o dirigente máximo da revolução moçambicana exortou os 80 delegados das províncias do País que participaram no referido Seminário, a empenharem-se com afinco na preparação do Congresso, acontecimento que vai imprimir um novo rumo ao País e traçar novas orientações ao Povo.

No discurso que o Presidente Samora Machel fez, em improviso, foi definido que o III Congresso da FRELIMO deverá analisar a questão da transformação da Frente de Libertação de Moçambique em Partido de vanguarda da classe operário-camponesa, e estudar a aplicação do socialismo científico para o desenvolvimento do processo revolucionário em curso. O Congresso irá igualmente planificar e estabelecer prioridades desta fase de luta e desencadear uma ofensiva ideológica que conduzirá à rotura completa com o esquema velho da sociedade decadente do inimigo. É o seguinte, na íntegra, o texto do improvisado proferido pelo Presidente Samora Machel:

«Pediram para eu dizer algumas palavras. E nada direi de novo senão fazer ressaltar alguns aspectos importantes que foram postos, como pontos de discussão durante as vossas aulas.

Criámos a FRELIMO em 1962. Realizámos o Primeiro Congresso em 1962. O ponto essencial do Primeiro Congresso da FRELIMO foi: Unidade Nacional, Unidade de todas as forças patrióticas, Unidade de todas as forças anticolonialistas. Este era o ponto central: Unidade Nacional, unidade de todas as forças patrióticas, de todas as forças que odiavam o colonialismo português, nosso inimigo principal.

Portanto, o colonialismo português era o nosso inimigo principal. E para combatermos o colonialismo português, necessitávamos do nosso instrumento fundamental: a Unidade. Definimo-nos como moçambicanos; definir Moçambique como um País dominado e, assim, engrossarmos as fileiras da FRELIMO com todas as forças patrióticas de várias tendências. E elaborámos, nessa base, os estatutos da FRELIMO. Quem deve ser membro da FRELIMO? Deve ser membro da FRELIMO aquele que é anticolonialista, aquele que é pela independência de Moçambique, aquele que aceite os princípios e o programa da FRELIMO.

Esta era a nossa exigência anticolonialista, pela Independência Nacional. Aceitar os princípios e o programa da FRELIMO.

Salientámos, no programa da FRELIMO, a mobilização e organização do povo, programa prioritário que devia ser realizado. Esse programa permitiria a criação de condições para o desencadeamento da luta.

LUTA ARMADA:

AGENTE ACELADOR DO NOSSO PROCESSO

Em 1964, desencadeámos a luta armada. A luta armada passou a ser o agente acelerador do nosso processo. Assim, podem ver que, na fundação da FRELIMO, o programa prioritário era a mobilização e a organização das massas, consciencialização das massas. E, quando começa a luta armada, esta passa a ser a tarefa principal da FRELIMO. A guerra passou a desempenhar a forma principal da nossa luta. Porque a nossa luta sempre foi uma luta política e a guerra aparece como continuação dessa luta, como a forma superior da nossa política. A guerra cria força nova no seio da FRELIMO; desenvolve a consciência de cada membro da FRELIMO, sobretudo daquele que estava na tarefa principal. A tarefa principal era a luta armada.

No crescimento da luta, observámos fenómenos, talvez, fenómenos que, diríamos, estranhos ao nível de uma frente de libertação, estranhas a um movimento de libertação. Apareceram então divergências e muitos começaram a exigir a realização do segundo Congresso da FRELIMO, a fim de se solucionarem os problemas levantados no processo da guerra.

Notámos dois grupos no seio da FRELIMO. Aqueles que estavam na tarefa principal, aqueles que tinham concebido a luta como a forma principal da nossa política. Não era uma das formas, era a forma principal, na altura. Era considerada a frente principal. Portanto, aqueles que estavam engajados na tarefa principal, identificavam-se com o povo. A dureza da sua tarefa, no processo da guerra, levava-os a identificar-se com o povo, mas os outros, que desempenhavam a tarefa marginal, a tarefa secundária, identificavam-se com os exploradores. Aqueles que estavam integrados, que assumiam os interesses fundamentais do povo, começaram a conceber a nossa luta como revolução, como parte integrada na luta geral dos povos oprimidos. E aí começámos a definir que o nosso combate não termina só com a liquidação do colonialismo. Termina, sim, com a liquidação do imperialismo e a luta permanente contra a exploração do homem pelo homem.

EM 1968:

SEGUNDO CONGRESSO DA FRELIMO

Começámos a estudar o mecanismo que existe, a engrenagem do que é a exploração do homem

pelo homem. Em 1968 realizámos o segundo Congresso da FRELIMO nas zonas libertadas.

Para alguns, o Congresso era para bloquear o processo revolucionário no seio da FRELIMO. Era para destruir as ideias que germinavam, as ideias revolucionárias, as ideias anticapitalistas, as ideias que nascem no processo da luta.

Portanto, as nossas ideias constituem o produto da prática. Só realizando as tarefas essenciais é que

dar as forças vivas. É por isso que nós chamamos zonas libertadas. Significa que nós fomos liquidando a presença do sistema capitalista, do sistema da exploração do homem pelo homem, nas zonas em que nós combatíamos. Quando liquidávamos a presença física, liquidávamos também as estruturas. Por isso é que temos dito que a FRELIMO já era um Estado dentro do Estado. E esse pequeno Estado, dentro do Estado, nasceu no processo da luta

dos povos, às condições concretas de cada lugar. As experiências não se transplantam. Não se faz uma transplantação das experiências; não se faz uma exportação também. Mas as experiências de outros povos são nossas fontes de inspiração. Inspiramo-nos nas experiências de outros povos, porque a revolução é o produto dos trabalhadores, é uma teoria elaborada pelos trabalhadores, pelos operários, na sua luta contra o capitalismo. Por isso, dizem alguns que não pode ser revolução, porque não foi feita nas cidades. Foi no campo porque, aí, o nosso inimigo era fraco. A resposta é essa.

Desenvolvemos a nossa revolução, a nossa luta armada, a partir do campo, porque era no campo que o nosso inimigo controlava menos a população e era fraco. Atacar as partes fracas do inimigo e, progressivamente, ir atacando as partes fortes. É preciso começar pela parte fraca. O inimigo não tinha exército suficiente para controlar o campo, enquanto na cidade controlava, de maneira feroz, era forte, estava organizado com a PIDE, com a ANP, com a polícia, com a administração, com os capitalistas, enquanto que, no campo, estava desorganizado, era vulnerável.

A guerra é como quando nós comemos o pão, fatia por fatia: Comemos progressivamente. E foi assim que nós fizemos.

Erão as nossas teses, sobre a guerra popular revolucionária. A nossa guerra popular prolongada, é esta luta que continua. Por isso, agora dizemos: a luta continua. Aí, punha-se a questão: quem deve ser membro da FRELIMO? Era membro da FRELIMO todo aquele que participava na luta de libertação nacional; todo aquele que oferecia sua vida pela independência nacional. Esse era membro da FRELIMO.

O programa da FRELIMO era desenvolver a luta, fazer a reconstrução nacional também nas zonas libertadas; emancipação da mulher, fazer a mulher participar em todos os aspectos da vida nacional; lutar contra o obscurantismo, contra o analfabetismo; lutar contra a discriminação social; luta intransigente contra o elitismo. Aí, o resultado do Congresso provocou novas deserções e novas ofensivas do inimigo, contra a linha política da FRELIMO.

Quem são os que aguentaram a FRELIMO? São aqueles que estavam na tarefa principal.

Portanto, novas ofensivas foram desencadeadas contra a linha da FRELIMO, para destruir a FRELIMO. Era preciso criar a classe que ia governar, era preciso criar os quadros da segunda fase. E dissemos: esses quadros para a segunda fase da luta, serão o produto da revolução.

Portanto, fomos vencendo, fomos crescendo e, em 1970, a nossa luta armada transforma-se em revolução, porque já vinha definido no segundo Congresso que o nosso objectivo era fazer a revolução. Portanto, só em 1970 a nossa luta armada se transforma em revolução.

A revolução o que significa? Parece que isso já disseram os vossos professores, ou ainda não disseram? Não são as reformas, não há reformismo. Aí não há reformismo já. Há transformação profunda da sociedade, transformação radical da sociedade. E havia, então, já uma profunda transformação no seio da FRELIMO. O abalo das mentalidades, sobretudo a mentalidade elitista e a mentalidade capitalista.

DE 1970 A 1974:

DESENCADEADA OFENSIVA IDEOLÓGICA

E de 1970 para 1974, desencadeámos a ofensiva ideológica. Como é possível desencadear a luta ideológica, e, ao mesmo tempo, a luta armada? Então qual era a tarefa principal? Aí, a forma principal já era a criação do homem novo. A nossa preocupação central, já era a criação do homem novo, a criação da sociedade nova. Só se cria a sociedade nova com o homem novo. Portanto, o trabalho ideológico já era fundamental. Todo aquele que fosse militante da FRELIMO, era preciso ter engajamento ideológico. Já não bastava ser anticolonialista. E, assim, desencadeámos uma ofensiva de novo no seio da organização.

Em 1972 realiza-se uma reunião do Comité Central da FRELIMO, que estuda a nossa estratégia e define a revolução como condição para garantia do nosso triunfo. Era preciso fazer a revolução, que já era uma exigência no seio da FRELIMO. Mas a um processo, quando nós estamos engajados num trabalho como este, há ideias moderadas e ideias alheias ao processo. Há ideias progressistas, há ideias reacçãoárias, completamente reacçãoárias, há ideias revolucionárias.

Quando há uma aproximação entre as ideias revolucionárias e as ideias progressistas, os progressistas, muitas das vezes, tomam posições nas questões de princípios. Mas sem tomarem medidas revolucionárias, não avançam. Mas só com humanismo, sentimentalismo, não se pode fazer a revolução. Com sentimentalismo não se pode fazer a revolução em nenhuma parte. Nós tivemos essas tendências, essas ideias todas, no seio da FRELIMO, mas o Comité Central definiu, em 1972, que nós entrávamos numa nova década — quando a FRELIMO completou dez anos, definiu nova década, novos combates.

Quais eram esses novos combates? Dissemos: é preciso romper com o conforto, pois onde há guerra não há conforto; é preciso atacar a corrupção; onde há corrupção não há revolução; onde existe a revolu-

(Continua na página seguinte)



«Começámos a estudar o mecanismo que existe, a engrenagem do que é a exploração do homem pelo homem. Em 1968 realizámos o Segundo Congresso da FRELIMO nas zonas libertadas»

adquirimos, então, o critério de selecção. Por isso, os que realizavam a tarefa principal, estavam constantemente na prática. Produziam ideias novas, ideias vivas. Por isso, há perguntas, às vezes «de onde vêm as ideias?». As ideias vêm da prática.

Para interpretarmos certos fenómenos, é preciso realizarmos a prática. Sem a prática não temos novas ideias. Para realizarmos então a prática, é preciso estarmos em contacto com o exterior. É assim que a ciência se desenvolve.

No segundo Congresso da FRELIMO, a política da FRELIMO foi redefinida. No primeiro Congresso não existia a guerra. Portanto, no segundo já tínhamos fonte de inspiração. A nossa fonte era a nossa experiência, era a nossa prática, prática essa, experiência essa, que fornecia a definição do inimigo de maneira correcta, a visão do Mundo no seu conjunto. Já interpretávamos o mundo, já interpretávamos os fenómenos da natureza, já tínhamos a nossa experiência.

Por isso, no segundo Congresso, a questão fundamental foi a luta contra o colonialismo, a luta contra o imperialismo, a luta contra a exploração do homem pelo homem. Mas era necessário liqui-

que não foi espontâneo. E aí, não só liquidámos como produzimos quadros. Quadros que assumiram a linha da FRELIMO, a definição do inimigo. Foi através da prática, foi a participação activa, a participação consciente. É isso que nos permitiu definir o nosso inimigo e as etapas da nossa luta.

GUERRA REVOLUCIONÁRIA PROLONGADA

Nós vimos que a primeira etapa, a do primeiro Congresso, foi o nacionalismo. Quase que nacionalismo estreito. Todos nós éramos movidos pela ideia da independência, todos nós éramos nacionalistas. Mas no processo da nossa luta, fomos assumindo a grandeza da nossa luta e fomos também traçando a estratégia para combater o nosso inimigo. É assim que aparecem alguns a dizer que o momento não era próprio para falarmos do imperialismo e para falarmos da exploração do homem pelo homem porque, a nossa luta, era pura e simples, luta nacionalista. Portanto, expulsão do colonialismo e não do capitalismo.

E nós dissemos: mata-se o jacaré quando ainda é pequeno, porque vive nas margens do rio. O jacaré está no leito quando já é grande e, então, necessitamos de barcos para o irmos atacar. Isso significa, para nós, que se deve matar as ideias capitalistas, ainda no ovo, quando ainda não criaram força, quando ainda não se consolidaram. É por isso que nós comparamos as ideias capitalistas a um jacaré. Mata-se o jacaré quando é pequeno com muita facilidade, porque vive nas margens do rio, quando ainda não tem capacidade de estar no leito do rio.

Em 1968, voltámos de novo e fizemos a nossa reunião do segundo Congresso da FRELIMO, com a participação de muitos delegados do nosso País. Mas aí já eram teses revolucionárias. Discutia-se a estratégia da nossa guerra.

Definimos a nossa guerra como uma guerra revolucionária prolongada; como uma guerra popular. Era necessária a participação maciça da população, de todas as camadas sociais. Portanto, a nossa revolução não é uma revolução burguesa, é uma revolução dos operários, revolução dos camponeses.

Com a participação dessas camadas todas, triunfamos. Muitos dirão: mas essa luta da FRELIMO não pode ser uma luta dos operários, porque essa luta não foi feita nas cidades.

ADAPTAR EXPERIÊNCIAS DOS OUTROS POVOS AS CONDIÇÕES CONCRETAS DE CADA LUGAR

Parece que uma das grandes qualidades dos revolucionários, é saber adaptar as experiências dos ou-



«Definimos a nossa guerra como uma guerra revolucionária prolongada, como uma guerra popular. Era necessário a participação maciça da população, de todas as camadas sociais. Portanto a nossa revolução não é uma revolução burguesa, é uma revolução dos operários, revolução dos camponeses»

Nossa tarefa é construção do socialismo

(Continuado da página anterior)

ção, sistematicamente terá que ser destruída a corrupção. E dissemos, então: vamos desenvolver a revolução. Já definíamos, desta maneira, a corrupção ideológica, a corrupção material, a corrupção política — todas as formas de corrupção. Assim, chamámos zonas libertadas. Libertadas de quê? Libertadas de todas as formas de opressão; libertadas do controlo do inimigo. Libertadas de todas as formas de opressão, humilhação, discriminação, de tribalismo, regionalismo e racismo. Em segundo lugar, dissemos: são zonas libertadas do controlo do sistema capitalista, do sistema opressor; libertadas do sistema da exploração do homem pelo homem. Essa zonas criam o novo homem e perguntávamos se era altura de realizarmos o terceiro Congresso da FRELIMO ou não? Na altura dissemos não.

TAREFAS PARA A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO NA SEGUNDA ETAPA DA LUTA

Para realizar um Congresso o que é necessário? O Congresso, para rever os estatutos, para rever o programa, para rever a nossa linha política, para estabelecer a nossa estratégia, para fazer o balanço das nossas actividades. Nós perguntamos: como é que levámos a cabo a luta de libertação nacional? Temo que dar este relatório ao Congresso, desde 1968. Há crescimento, há desenvolvimento, há retrocessos, e houve progressos também. Causas essenciais. Mas o maior retrocesso, é quando se trata, sobretudo, do desvio da linha. Este é o maior retrocesso: quando existe desvio da nossa linha.

Agora, que levámos a cabo a luta de libertação nacional, tarefa principal, já cumprimos, também integralmente, a forma principal da nossa luta. Dissemos que a luta armada é uma continuação da política, a forma superior, a forma suprema da luta política. A guerra aparece para remover os obstáculos. A nossa luta armada removeu o nosso obstáculo, que era o colonialismo, a ocupação colonial do nosso País.

Primeiro, fundámos a FRELIMO, estabelecemos a nossa política e não encontramos a plataforma para discutirmos com o inimigo, que recusou. Então desencadeámos a luta armada para remover o obstáculo.

Liquidado o colonialismo português, de novo a nossa política tem que continuar. A política, agora, toma a forma principal. Portanto, vimos que o primeiro Congresso analisa o processo da luta de libertação em Moçambique. O segundo Congresso analisa o entusiasmo do povo, em relação à luta. Mas, agora, o terceiro Congresso é para quê? Agora podiam perguntar, realizaram o primeiro Congresso para estudar a estratégia de como lutar contra o inimigo — aprovaram a luta armada. No segundo Congresso examinaram e fizeram o balanço, sintetizaram as experiências adquiridas. O segundo Congresso aprovou que a linha está correcta e, agora, o terceiro Congresso é para quê?

Nós fizemos o primeiro Congresso para criarmos a FRELIMO, uma frente ampla, em que todos estávamos lá. A nossa tarefa, no terceiro Congresso, tratará da luta ideológica. De novo vamos perguntar quem deve ser membro da FRELIMO. No primeiro Congresso entraram, mesmo, os que tinham tendências capitalistas, entraram os confusos, que foram sendo rejeitados pelo processo da luta. Mas vamos permitir isso de novo, no terceiro Congresso? Depois da nossa experiência de quantos anos? Dez, onze, doze, treze, catorze, já temos catorze anos. Em 72 fizemos dez anos, não é? Temos catorze anos.

Sabemos que a tarefa mais difícil que nós temos agora é a reconstrução nacional. A reconstrução nacional exige clareza ideológica. Portanto, o Congresso deve trazer-se continuamos a existir como uma Frente, ou passamos para Partido. Mas se decidirmos como Frente, significa que continuamos confusos, significa que nós continuamos a permitir a existência de confusão no nosso seio.

Nós realizámos algumas tarefas, realizámos algumas tarefas importantes, ao nível da FRELIMO, como Frente, mas o trabalho que a FRELIMO realiza, não é trabalho de uma Frente. É Frente, enquanto não definirmos quem é membro da FRELIMO. Por exemplo, logo após a proclamação da independência, realizámos tarefas importantíssimas, que não são tarefas de uma Frente — as nacionalizações. Alguns de vocês, aqui, eram latifundiários. É ou não é? Não tinham, porque não vos davam ocasião para isso.

Portanto, muitos aqui queriam ser possuidores de terras. Em segundo lugar, possuidores de casas. Não falamos de prédios, porque não vos davam ocasião para isso. Mas se tivessem criado possibilidades para todo o moçambicano preto, muitos aqui teriam casas, teriam prédios. Trabalhávamos para quê? Naquela altura, era para isso: ter terreno de coqueiros, ao nível de Inhambane. Só era gente aquela que tinha terreno de cocos. É ou não é? E aqui ao nível do Maputo, só era gente aquela que tinha terras e casas. E vocês diziam que aquele é gente grande, a família de fulano é gente grande. Como é que conheciam que era gente grande, era através do trabalho? Não. Era através daquilo que possuíam.

Alguns haviam de ter mercearias grandes, supermercados, alguns seriam accionistas de grandes fábricas, mas não tiveram essa oportunidade.

E por que motivo é que nacionalizámos tão depressa?

É que, se tivéssemos deixado tudo na mesma até esta altura, uns já seriam sócios aqui, mas sem entrar com dinheiro. Só para que se criasse a burguesia nacional. Esta burguesia nacional seria o nosso inimigo, inimigo da revolução. Enfermeiros teriam, aqui, médicos sócios nas clínicas, nos consultórios privados. Nos liceus priva os, que estavam aqui no Maputo, em Nampula, na Beira, já haveriam muitos moçambicanos sócios. Nas agências funerárias, já teriamos muitos moçambicanos sócios. Nos hospitais privados, como de Lhanguene, Chamanculo, já teriam muitos sócios moçambicanos. Esses lutariam contra nós. Nas construções de prédios, já haveriam muitos moçambicanos, que são pedreiros, que iriam receber a promoção de construtores, para poderem ser sócios. É ou não é? Capitalismo!

Membros das fábricas de cimento, das grandes

empresas, seriam sócios. Nas empresas agrícolas, empresas industriais, já encontraríamos muitos moçambicanos sócios. Mas nós não deixámos. Quando menos esperavam, desencadeámos a ofensiva no dia 24 de Julho. Foi ou não foi? Foi a grande ofensiva contra o capitalismo. Quando menos esperavam.

Portanto, encontramos a mesma forma que nós encontramos durante a luta de libertação nacional. Quando falávamos na necessidade de ideologia, den-

Não sabemos como realizar as nossas tarefas. Quando criamos a indústria pesada, é para nos dar trabalho, é para criarmos consciência para produzir. Agora necessitamos do homem novo, mas esse homem novo só ode ser produzido pelo Partido, para realizar tarefas que serão definidas pelo Partido. A táctica de criarmos o socialismo, o Partido vai definir exactamente. Fixação dos nossos prazos e metas, é o Partido. Até aqui não temos metas, não temos pra-

castanha? O que é que é fundamental? O que é que liquida a fome e traz divisas para o nosso País? O Congresso terá que definir o desenvolvimento do nosso País e as relações com outros países. E vocês vieram aqui para dinamizarem este processo, para o nascimento de um homem forte que vai dar novos frutos.

O que vão fazer então? É uma tarefa difícil. Nas províncias conhecem-se bem entre vocês? Numa província, por exemplo a de Nampula, a de Inhambane, em cada província conhecem-se bem?

É que, sabem, nós vamos criar o inimigo do nosso inimigo, o inimigo principal do nosso inimigo. E haverá sacrifícios. Quando falamos de Partido significa que ferimos o búfalo e só se caçam os búfalos quando se tem a certeza de os matar.

O búfalo não é mau quando está ferido?

O búfalo mais perigoso é aquele que está ferido. Isto aqui são especulações, por isso haverá uma luta do inimigo para infiltrar-se no seio dos elementos. Esta é a tarefa do inimigo. Todos os Partidos revolucionários, o Partido do Trabalho, por exemplo, no Vietname, na Coreia, o dos Trabalhadores, o Partido dos Operários, os Partidos Socialistas dos nossos amigos, o Partido Comunista da União Soviética, o Partido Comunista de Portugal, passaram por fases muito difíceis, fases de infiltrações que se prolongam até hoje. A tarefa do capitalismo é preparar agentes e, cuidadosamente, infiltrá-los. Portanto, se há alguns infiltrados, também aqui, nós não vamos perdoar, e vamos matar porque é um traidor. Nós estamos a falar honestamente. E que ele leva isto e vai dar ao inimigo para receber dólares à custa da nossa vida. Esse é inimigo. Caiu o colonialismo mas temos estes inimigos agora. Não tenhamos ilusões, que o imperialismo está longe. O imperialismo está aqui. A residência do capitalismo, a residência do imperialismo, são as nossas consciências. O imperialismo e o capitalismo vivem na cabeça de cada um. Trata-se agora de combater o inimigo que vive nas nossas cabeças. É o inimigo mais difícil, esse. De luta contra o subjectivismo, de luta contra o espírito de importância, de luta contra os hábitos maus, hábitos de luta contra a vocação capitalista de ser rico, o novo rico. Por isso, é muito difícil a luta que vamos começar agora. Esta luta já pode separar o pai do filho, o filho do pai. É uma questão de opção agora, não é só questão de agitar já. Em todo o Mundo, trata-se de rotura agora, rotura com o esquema, esquema capitalista, rotura com as ideias reaccionárias neste Congresso nosso. Não podemos co-existir agora com ideias reaccionárias. Será a rotura com o esquema velho. Por isso é que dizemos que a nossa luta é difícil, porque trata-se do inimigo que vive nas nossas cabeças e tem que ser procurado e liquidado nas nossas cabeças. Trata-se da nossa consciência, porque o imperialismo e o capitalismo fazem das nossas consciências a sua fe de capital. São a residência do capital, o desejo de ser rico.

E então, inevitavelmente, trai esse indivíduo, trai a nossa luta, está a aliar-se ao nosso inimigo principal, o imperialismo, o nosso inimigo permanente.

Por isso, este Seminário que vocês tiveram aqui é um seminário decisivo. Parece que vários sectores aqui, vão fazer um formulário, vão fazer isto e aquilo, o que é muito difícil porque vem de vários sectores. Tivemos aqui um curso dos grupos dinamizados que eram das empresas industriais só. Mas aqui vêm as Forças Populares, vêm os operários, vêm camponeses, vêm estudantes, vêm de vários sectores. O que cada um de vocês pode fazer no seu sector, porque a nossa tarefa é que o Congresso seja um trunfo para nós. Ao nível das empresas agrícolas, industriais, ao nível do comércio, parece que a nossa tarefa principal, é o aumento da produção, o aumento da produtividade. Em qualidade e em quantidade. E, ao nível das escolas, também a organização da juventude se deve tornar numa força viva. Mas é preciso a juventude moçambicana ter tarefas definidas. Eu não avanço mais, porque o Congresso vai definir, assim como os trabalhadores, os operários, serão matéria para o Congresso.



«Acabou a primeira etapa, que era a tarefa da FRELIMO conduzir o Povo à Independência. Mas agora, na segunda etapa, a nossa tarefa é a construção do socialismo. Esta é a palavra exacta. É isto que o Congresso exige. Construção do socialismo em Moçambique que»

tro do nosso movimento, diziam que era cedo. Encontrámos também muitos moçambicanos, quando nacionalizámos os hospitais, que diziam que era muito cedo, que era uma precipitação por parte da FRELIMO.

Ainda não temos enfermeiros suficientes, ainda não temos médicos aqui em Moçambique, ainda não temos professores suficientes. No entanto, estão a nacionalizar as escolas e os hospitais. Veja essa gente, irresponsáveis. Alá sim. A nossa táctica, a nossa estratégia, é atacar e jactar, quando é ainda pequeno. Esta é sempre a nossa estratégia.

Agora queremos criar o Partido. Mas, muitos dizem que, se ainda não há classe operária em Moçambique, que revolução será essa? Que socialismo, será esse, o de Moçambique? Vão criar um Partido, sem a classe operária temperada na luta.

A luta que nós travámos ao longo de muitos anos, a essa luta armada nós chamámos a continuação da resistência do nosso povo, contra a invasão estrangeira. Portanto, dizem agora mais uma vez, que há precipitação da FRELIMO, quando fala em criar Partido. Mas a FRELIMO sabe o que vai realizar. Já não queremos confusões. Só serão membros aqueles que são, ideologicamente, claros. Aqueles que se identificam com o povo. Aqueles que assumem, com grande envergadura, o processo revolucionário em Moçambique. Esses serão nossos membros. Aqueles que, na realidade, trazem no seu coração o povo. Aqueles que são os primeiros no sacrifício e são os últimos quando se trata de benefícios. Estão ouvindo isto? Aqueles que, quando se trata de benefícios, são os últimos e que são os primeiros quando se trata de sacrifícios. São esses que vão realizar o combate actual que a FRELIMO vai desencadear. Que já começou, mas que precisa de ser consolidado. E não pode ser consolidado sem a definição do que queremos e como queremos.

Nós dissemos aqui, que não queremos o capitalismo, o que queremos então? Abaixo o capitalismo. Viva o quê? Abaixo os reaccionários. Andamos em todas as reuniões a dizer «abaixo os reaccionários». O que é um reaccionário? Um capitalista é um reaccionário; um explorador é um reaccionário. Não trabalha para o povo. Abaixo o imperialismo, inimigo dos povos, abaixo o capitalismo, abaixo a exploração, viva o quê, então? Nunca dissemos. Só dizemos viva o poder popular, viva a economia popular. E esse sistema terá que ser alimentado e vai exigir sacrifícios. Não há vitórias sem sacrifícios. Constrói-se a vitória com sacrifício.

A NOSSA TAREFA É CONSTRUIR O SOCIALISMO

Portanto, a tarefa do Congresso será esta. Mas uma vez aceitarmos uma nova batalha. Batalha nova de criar os militantes. Agora falamos de militantes, não temos militantes. Acabou a primeira etapa, que era a tarefa da FRELIMO conduzir o povo à independência. Mas, agora, na segunda etapa, a nossa tarefa é a construção do socialismo. Esta é a palavra exacta. É isto que o Congresso exige. Construção do socialismo em Moçambique. Que socialismo? Só há um socialismo. E para construir, o que é preciso? Produzir quadros. É nossa tarefa produzir quadros, para levarem a cabo esta nossa tarefa. A nossa meta é fazer a revolução, fazer triunfar a revolução. Qual é a tarefa da revolução, agora? Na realidade, qual é? A tarefa da revolução é construir o socialismo. Por onde começar então? Para construir o socialismo, criemos o Partido de vanguarda. O partido de vanguarda vai definir-nos tarefas. Estão a ver, não é? Não temos tarefas aqui.

zoz e não sabemos o que é prioritário. Quais as nossas tarefas imediatas, tarefas a curto e a longo prazo. Há tarefas imediatas, há tarefas que devem ser realizadas a curto prazo, há tarefas que devem ser realizadas a longo prazo. Por exemplo, de três meses, de dois meses. Qual é a tarefa principal nesta fase, qual é a forma principal da nossa tarefa principal, esses são os objectivos essenciais. Mas queremos enriquecer o Congresso e, ao mesmo tempo, queremos que o Congresso seja um sucesso, porque é um acontecimento histórico para o povo de Moçambique, sobretudo depois da libertação total do nosso País, em que o país inteiro participa.

Construir o seu guia. A casa, quando queremos dormir, construímo-la; a estrada, para podermos caminhar, para podermos chegar mais depressa, construímo-la; construímos caminhos de ferro, construímos barcos. Portanto, nós também queremos atingir objectivos claros, e é necessário construir estradas. Quem deve estar nas estradas, quem deve estar nas linhas férreas, quem deve estar no mar, quem deve estar na força aérea, e quem deve estar na mochamba com a tractor? E diremos qual é a forma principal da nossa tarefa principal. Parece que é isso que nós queremos.

Se é a produção de algodão, se é a produção do feijão, se é a produção do arroz, se é a produção do trigo, se é a produção do milho, ou é a produção de



«Uma das grandes qualidades dos revolucionários, é saber adaptar as experiências dos outros povos, às condições concretas de cada lugar. As experiências não se transplantam. Não se faz uma transplantação das experiências. Não se faz uma exportação também. Mas as experiências de outros povos são nossas fontes de inspiração, porque a revolução é o produto dos trabalhadores, é uma teoria elaborada pelos trabalhadores, pelos operários, na sua luta contra o capitalismo»